

Entrevista com



Jacques Leenhardt

Artur Cesar Isaia

Entrevista com Jacques Leenhardt*

Artur Cesar Isaia

A história é também comunicação, é um discurso entre um enunciador e um público mais ou menos conhecido. É uma relação entre uma fala que tem suas raízes num momento dado, num lugar dado, que está enfrentando uma problemática que tem sentido nesse momento, não em geral, se não nesse momento dado.

Artur Isaia: Inicialmente gostaríamos de saber como o senhor vê, em seu país, atualmente, a questão da diluição das fronteiras entre literatura e história?

Jacques Leenhardt: Bom, nos anos setenta houve quase um movimento da chamada integração da literatura nas ciências sociais ou, ao contrário, das ciências sociais na literatura. E foi um momento onde essa problemática das fronteiras entre disciplinas, ficou claro ser um fator institucional. Divisão das universidades, já no século dezenove, em várias disciplinas é um fenômeno que não tem nada haver com o objeto, tem haver com a instituição do saber, a organização social do saber.

Então essa realidade está desde então provocando problemas, alguns problemas são muito interessantes: a relação entre psicologia e sociologia; entre história e literatura; história e sociologia. Então teve no decorrer do tempo uma organização quase artificial, porque estava fundada na divisão administrativa dos setores do saber, uma discussão sobre a maneira de organizar as disciplinas. Por isso houve também Faculdades de Letras, outras de Ciências Humanas, outras de Filosofia e Ciências Humanas. Todo esse discurso sobre a organização do saber, representa uma maneira de falar (ou de não falar) da artificialidade, do caráter artificial dessa divisão.

A.I. Dumezil tem uma posição bem clara a respeito da história e sociologia passarem a serem lidas como literatura, qual a sua opinião a respeito?

* Jacques Leenhardt é, atualmente, Diretor de Estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales, autor de várias obras sobre leitura, literatura e história, imaginário, paisagismo.

J.L. O Dumezil falou um dia que “a história, a sociologia, com o tempo passariam a ser lida como literatura”. Nessa frase do Dumezil se pode entender que um saber que pertence, portanto, a uma ciência, vira literatura, mas o contrário é verdade também. Se você toma um Sófocles ou um Édipo, era literatura e virou ciência, na psicanálise.

Então quer dizer que há um jogo permanente entre o que se pode chamar de ciência e o que se chamaria de literatura e acho que estamos no momento onde essas fronteiras estão estudadas, estão trabalhadas pelos historiadores, como pelos cientistas da literatura, de maneira nova, de maneira que mesmo a história pode ser lida como um texto. Quer dizer que a textualidade, o fator do discurso científico, resultou numa forma na linguagem, que é um elemento novo da sua relação, do conhecimento sobre esse saber, porque é um fator geral à parte. Tomando à parte a matemática, todo o resto está utilizando a linguagem carregada de conteúdos que se expressam através da metaforização, através deste uso específico da linguagem e portanto acho que essa nova linha de investigação sobre a relação entre história e literatura, sobre a sociologia, a questão é exatamente a mesma entre sociologia e literatura. Podemos ler “Tristes Trópicos” como um livro de Ciências Sociais; ou “Maíra” de Darci Ribeiro, como uma novela; ao mesmo tempo se trata de livros que estão organizando um saber sobre várias populações.

Então acho que estamos no momento onde esta problemática está questionando o fato das Ciências Sociais utilizarem a linguagem, e essa linguagem sendo como tal, um meio, que não é um meio transparente, não é um meio que deixa de ter autonomia como tal. Por isso essa autonomia da linguagem entra na conversa sobre o que é o saber histórico, sociológico, psicológico, etc.

A.I.: Falamos em Dumezil e sua postura de uma possível leitura literária da sociologia e da história.. Passemos agora a uma postura antagônica e sua influência, ainda presente nas ciências sociais. As possíveis tensões ainda existentes entre literatura, história e ciências sociais não teriam origem, talvez, no conteúdo residual, no que sobrou ainda de uma sociologia que se construiu quase que em oposição ao texto literário, falo, especificamente, na vigência, ainda de um certo objetivismo.

J.L.: Claro! No horizonte da história, como da sociologia, você tem o sonho da objetividade, que é um sonho positivista bem conhecido. Penso que há um caráter mítico neste sonho porque o conhecimento que a gente tem está levado pela linguagem. A linguagem tem uma autonomia relativa,

não o sonho, porque a linguagem é o instrumento da descrição dos fatos, mas também porque a linguagem é o meio de comunicação. A história é também comunicação, é um discurso entre um enunciador e um público mais ou menos conhecido. É uma relação entre uma fala que tem suas raízes num momento dado, num lugar dado, que está enfrentando uma problemática que tem sentido nesse momento, não em geral, se não nesse momento dado.

Então a linguagem está ligada a estas situações, de pensamento, de pesquisa, de comunicação e não tem um sentido abstrato do saber. E mesmo o saber histórico não tem esse valor atemporal, é sempre um valor temporal, e isto é verdade não só na história, não só na sociologia, mesmo nos campos aparentemente ligados a objetos, como a história da arte. E de repente você descobre que os historiadores da arte tem esquecido alguns monumentos que para eles não era monumentos, e de repente viram monumentos, porque tem um novo interesse, um novo olhar.

E a história da pintura é só a história de documentos (documentos mesmo!); quando a história do homem tem documentos, mas tem várias coisas que não tem uma tradução em termos de documentos.

Então mesmo quando você tem só documentos, mesmo nessa situação bem particular, você tem um olhar distinto, um enfoque distinto, dependente do ponto de vista, do momento histórico, etc.

A.I: Em relação a literatura brasileira: com que autores o senhor tem trabalhado e quais os da sua predileção?

J.L: Na verdade, não sou um especialista da literatura brasileira, mas no grupo de trabalho com o qual estamos trabalhando há muitos anos tivemos a oportunidade de trabalhar em particular sobre o Érico Veríssimo, de maneira que eu fiz uma série de pesquisas sobre os três textos: “O Tempo e o Vento”, “O Continente”, “O Retrato” e “O Arquipélago”, de maneira que para mim foi muito interessante, porque eu conhecia a literatura do Norte, do Nordeste do Brasil. Então esse contraponto entre a visão, muitas vezes segmentada do Nordeste, que a gente tem através de um escritor que eu gosto muito, o Jorge Amado, eu gosto dele como escritor enraizado numa realidade do Nordeste, que até nem sei se é a realidade, eu conheço essa realidade através da literatura dele. Conheço um pouco, claro, Pernambuco, o interior um também.

Mas tudo isso levou, esse trabalho com o Veríssimo, a possibilidade de uma compreensão mais ampla das diferenças, não só das regiões do Brasil, mas também das tradições literárias e dos interesses, porque é muito distinto.

Uma obra como “O Tempo e o Vento” tem um enfoque sobre o desenvolvimento da história, a construção do Rio Grande do Sul, não tanto uma região, como um estado.

Tudo isso tem um sabor distinto, (no trabalho do Veríssimo, do Jorge Amado, ou o que a gente está trabalhando agora, que é a pesquisa do Gilberto Freyre) tem muito haver com a região, com uma característica da cultura dos canaviais, etc, etc.

Então para mim essa experiência, e também a experiência do modernismo e de outros momentos e tempos da cultura brasileira, leva a essa variedade de produção literária, de interesses que eu encontro também no campo das artes. Não só a literatura, mas também as artes plásticas ou também as tradições deste país continente, como ele gosta de se chamar, que realmente não é uma colagem porque há uma consciência totalizante do Brasil. Mas essa totalização é permeada por identidades regionais muito fortes.